

O direito da criança ao respeito

JANUSZ KORCZAK
DALMO DE ABREU DALLARI



O DIREITO DA CRIANÇA AO RESPEITO

Copyright © 1986, 2022 by Dalmo de Abreu Dallari e Janusz Korczak
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Edição: **Janaína Marcoantonio**

Revisão: **Raquel Gomes**

Capa: **Luísa Gimenez**

Projeto gráfico: **Gabrielly Silva | Origem Design**

Diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio — <i>Jaime Wright</i>	7
Declaração dos Direitos da Criança	9
Parte I. O direito da criança ao respeito — <i>Janusz Korczak</i> . . .	19
Menosprezo e desconfiança	21
Má vontade	29
O direito ao respeito	39
O direito da criança de ser o que é	47
Parte II. Os direitos da criança — <i>Dalmo de Abreu Dallari</i> . . .	57
Direito de ser	61
Direito de pensar	69
Direito de sentir	77
Direito de querer	91
Direito de viver	97
Direito de sonhar	107

Prefácio

É realmente um privilégio prefaciá-lo um livro cujo tema gira em torno dos direitos da criança!

O privilégio é maior porque os autores são dois notáveis educadores, um da Europa, o outro da América Latina; um oriundo da tradição judaica, o outro da cristã católica; um tendo como ponto de referência a Declaração de Genebra de 1924 sobre os Direitos da Criança, o outro a Declaração Universal dos Direitos da Criança de 1959: Janusz Korczak, que foi arrastado ao famigerado campo de concentração de Treblinka durante a Segunda Guerra Mundial para morrer assassinado pelos nazistas junto com as crianças que não quis abandonar, e Dalmo de Abreu Dallari, que enfrentou as hostes fascistas da ditadura civil-militar brasileira ao denunciar contínua e corajosamente suas violações dos direitos humanos.

Apesar de escreverem em épocas diferentes, os dois se complementam harmoniosamente. Têm como pano de fundo comum a rica tradição judaico-cristã, que o leitor poderá conferir através da leitura dos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento que inseri após cada um dos dez princípios da Declaração dos Direitos da Criança, reproduzida a seguir.

Longe de serem sectários, porém, os autores escrevem sobre os valores mais preciosos da humanidade, acumulados, destilados, testados e depositados no vasto cabedal humanista da cidadania ecumênica universal.

JAIME WRIGHT

Declaração dos Direitos da Criança

(Aprovada pelas Nações Unidas em 20 de novembro de 1959)

Fundamentação bíblica judaico-cristã

*Teus filhos serão como rebentos de
oliveira ao redor da tua mesa.
(Salmos 128,3)*

*Em verdade vos digo: quem não receber o reino de
Deus como uma criança, não entrará nele.
(Marcos 10,15)*

Preâmbulo

Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano, e resolveram promover o progresso social e elevar o nível de vida dentro de um conceito mais amplo de liberdade;

Considerando que as Nações Unidas proclamaram, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que todas as pessoas têm todos os direitos nela enunciados, sem qualquer distinção de raça, cor, idioma, religião, opinião — seja política ou de qualquer outra natureza —, origem social, ou nacionalidade, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição;

Considerando que a criança, por sua imaturidade física e mental, necessita de proteção e cuidados especiais, incluindo-se a devida proteção legal, tanto antes quanto depois do nascimento;

Considerando que a necessidade de tal proteção especial foi enunciada na Declaração de Genebra de 1924 sobre os Direitos da Criança e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos atos constitutivos dos organismos especializados e das organizações internacionais que se interessam pelo bem-estar da criança;

Considerando que a humanidade deve à criança o que de melhor tiver a dar,

A Assembleia Geral

Proclama a presente Declaração dos Direitos da Criança, a fim de que esta possa ter uma infância feliz e gozar — pelo seu próprio bem e o da sociedade — dos direitos e liberdades que aqui se enunciam e conclama os pais, os homens e mulheres individualmente e as organizações privadas, as autoridades locais e governos nacionais a reconhecer estes direitos e lutar por sua observância, através de medidas legislativas ou de outra índole, a ser adotadas progressivamente em conformidade com os seguintes princípios:

Princípio I

A criança desfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes Direitos serão outorgados a todas as crianças, sem qualquer exceção, distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra natureza, nacionalidade ou origem social, posição econômica, nascimento ou outra condição, seja inerente à própria criança ou à sua família.

“Não deis atenção em vossos julgamentos à aparência das pessoas. Ouvi tanto os pequenos como os grandes, sem temor de ninguém, porque a Deus pertence o juízo.” (Deuteronômio 1,17) “Porque o Senhor vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, o forte e terrível, que não faz acepção de pessoas nem aceita suborno.” (Deuteronômio 10,17)

“Agora reconheço deveras que não há em Deus acepção de pessoas, mas lhe é agradável quem, em qualquer nação, o temer e praticar a justiça.” (Atos 10,34-35) “Não há distinção entre judeu e grego. Um mesmo é o Senhor de todos, rico para todos que o invocam.” (Romanos 10,12) “Então não haverá nem judeu nem grego, nem bárbaro nem cita, nem escravo nem livre.” (Colossenses 3,11)

Princípio II

A criança gozará de proteção especial e disporá de oportunidades e serviços, a ser estabelecidos em lei e por outros meios, de modo que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao promulgar leis com este fim, a consideração fundamental a que se atenderá será o interesse superior da criança.

“Quanto ao jovem Samuel, continuava crescendo em estatura e na estima tanto do Senhor como dos homens.” (1 Samuel 2,26) “Em paz me deito e logo adormeço, porque só tu, Senhor, me fazes viver em segurança.” (Salmos 4,9) “Seguirás tranquilo teu caminho, sem que tropece teu pé. Quando te sentares, não terás sobressaltos, quando te deitares, o sono será tranquilo.” (Provérbios 3,23-24) “Exterminarei da face da terra o arco, a espada e a guerra, e os farei habitar em segurança.” (Oseias 2,20)

“Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens.” (Lucas 2,52) “O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” (João 10,10) “Deus me disse: ‘Não te abandonarei nem te desampararei’. De maneira que confiantemente possamos dizer: ‘O Senhor é meu auxílio, não temerei. O que me poderá fazer o homem?’” (Hebreus 13,5-6)

Princípio III

A criança tem direito, desde o seu nascimento, a um nome e a uma nacionalidade.

“Quando o Altíssimo espalhou o gênero humano, fixou os limites dos povos.” (Deuteronômio 32,8) “Os céus são os céus do Senhor, mas a terra ele deu aos filhos dos homens.” (Salmos 115,16)

“O Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele há estabeleceu para os povos os tempos e os limites de sua habitação.” (Atos 17,24 e 26) “Paulo respondeu: ‘Pois eu tenho a cidadania por nascimento’.” (Atos 22,28)

Princípio IV

A criança deve gozar dos benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e desenvolver-se em boa saúde; para essa finalidade deverão ser proporcionados, tanto a ela quanto à sua mãe, cuidados especiais, incluindo-se a alimentação pré e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar de alimentação, moradia, lazer e serviços médicos adequados.

“As casas estão em paz e sem temor.” (Jó 21,9) “Pela boca das crianças e dos pequeninos preparaste teu louvor contra os adversários, reduzindo ao silêncio o inimigo e o rebelde.” (Salmos 8,3) “O Senhor cura os corações atribulados e pensa-lhes as feridas.” (Salmos 147,3) “Não haverá crianças que vivam apenas alguns dias. Construirão casas, para nelas morar.” (Isaías 65,20-21) “Eis que lhes trarei remédio e cura; os curarei e lhes revelarei as riquezas da paz e da segurança.” (Jeremias 33,6) “É para vós tempo de habitar em casas luxuosas, enquanto esta casa está em ruínas?” (Ageu 1,4)

“Não são os sadios que têm necessidade de médico, mas os doentes.” (Mateus 9,12) “Deixa que primeiro se fartem os filhos, porque não fica bem tirar o pão dos filhos e jogá-los aos cães.” (Marcos 7,27) “Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados.” (Lucas 7,22) “Todavia nos fizemos discretos em vosso meio, como a mãe que acaricia os filhos.” (1 Tessalonicenses 2,7)

Princípio V

A criança física ou mentalmente deficiente ou aquela que sofra de algum impedimento social deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que requeira o seu caso particular.

“Defendei o desvalido e o órfão, fazei justiça ao humilde, ao necessitado!” (Salmos 82,3) “Um assiste ao outro e diz ao colega: ‘Coragem!’” (Isaías 41,6) “Odiai o mal e amai o bem, assegurai que se faça justiça nos tribunais.” (Amós 5,15)

“Felizes os que se compadecem, porque alcançarão misericórdia.” (Mateus 5,7) “Cuidai de não desprezar um desses pequeninos.” (Mateus 18,14) “Em tudo vos dei exemplo, mostrando-vos como, por igual trabalho, é preciso socorrer os necessitados, recordando as palavras do Senhor Jesus, que disse: ‘Maior felicidade é dar do que receber’.” (Atos 20,35) “Nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos e não olhar apenas para nosso interesse.” (Romanos 15,1)

Princípio VI

A criança necessita de amor e compreensão para o desenvolvimento pleno e harmonioso de sua personalidade; sempre que possível, deverá crescer com o amparo e sob a responsabilidade de seus pais, mas, em qualquer caso, em um ambiente de afeto e segurança moral e material; salvo circunstâncias excepcionais, não se deverá separar a criança de tenra idade de sua mãe. A sociedade e as autoridades públicas terão a obrigação de cuidar especialmente da criança abandonada ou daquelas que careçam de meios adequados de subsistência. Convém que se concedam subsídios governamentais, ou de outra espécie, para a manutenção dos filhos de famílias numerosas.

“Faz justiça ao órfão e à viúva.” (Deuteronômio 10,18) “Sejam como plantas nossos filhos, já desenvolvidos na adolescência; nossas filhas, como colunas bem talhadas, como esculturas de um palácio!” (Salmos 144,12) “Meu filho,

O direito da criança ao respeito

Janusz Korczak

Tradução do polonês: Yan Michalski

Menosprezo e desconfiança

Todos nós crescemos convencidos de que o grande vale mais do que o pequeno.

“Sou grande”, grita, contente, o garotinho trepado em cima de uma mesa. “Sou mais alto que você”, constata com orgulho, comparando-se com outra criança da mesma idade.

É chato esticar-se todo na ponta dos dedos dos pés e não conseguir alcançar o objeto almejado; é duro, para as pernas curtas, tentar acompanhar os adultos a passos miúdos; o copo teima em cair da mãozinha pequena. Quanto esforço e trabalho para se sentar numa cadeira, entrar num ônibus, subir uma escada. Impossível pegar uma maçaneta, olhar pela janela, apanhar ou pendurar um objeto: tudo está sempre alto demais. Na multidão não se consegue enxergar, é fácil se perder, levar um empurrão. Enfim, é incômodo ser pequeno, é chato.

Para conquistar respeito e admiração é preciso ser grande, ocupar muito espaço. O que é pequeno é banal e desinteressante. Gente pequena, necessidades pequenas, pequenas alegrias e tristezas.

Uma grande cidade, uma grande montanha, uma árvore alta: isto, sim, impressiona. Costumamos dizer:

— Uma grande façanha, um grande homem.

A criança é pequena, é leve, é pouca coisa. É preciso inclinar-se na sua direção, abaixar-se.

Pior ainda: a criança é fraca.

Pode-se levantá-la, jogá-la no ar, fazê-la se sentar contra a sua vontade, interromper a sua corrida, frustrar o seu esforço.

Se ela não obedece, temos força de sobra para impor a nossa vontade. Basta dizer: “Não se afaste, não toque, passe para lá, devolva!” A

criança já sabe que não há como resistir. Quantas vezes tentou, sem resultado, até que entendeu, capitulou, resignou-se?

Que criança ousará, e em que excepcionais condições, empurrar um adulto, puxá-lo, bater nele? Ora, bater numa criança é coisa corriqueira e inocente, como também puxá-la com força pela mão, ou apertá-la duramente num abraço carinhoso.

A sensação de impotência faz surgir o culto da força. Qualquer um — não só o adulto, mas também o garoto mais velho e forte — pode expressar brutalmente o seu descontentamento, usar a força para apoiar suas exigências e cobrar obediência. Qualquer um pode magoar impunemente.

É pelo nosso exemplo que a criança aprende a menosprezar aquilo que é fraco. Eis uma formação ruim, e um sombrio presságio.

A face do mundo mudou. Não é mais a força muscular que executa o trabalho e nos defende do inimigo, ou extrai da terra, da floresta e do mar o poder, o bem-estar e a segurança. Quem o faz é a máquina, esse nosso obediente escravo. Os músculos perderam a exclusividade dos privilégios e da estima. Passou-se a respeitar mais e mais o intelecto e o saber.

A despojada cela do pensador ou do alquimista de ontem foi substituída por centros de pesquisa e grandes laboratórios. Nas bibliotecas, cada vez maiores, as estantes mal aguentam o peso dos livros. Os orgulhosos templos do saber tornam-se cada vez mais povoados. O cientista cria e dá ordens. Os hieróglifos dos números e dos gráficos entregam às multidões novas conquistas e dão o testemunho do poder da humanidade. É preciso fixar tudo isso na memória e na mente.

Multiplicam-se os anos de laboriosa aprendizagem, surgem cada vez mais escolas, exames, palavras impressas. Mas a criança, tão pequena, tão fraca, que viveu tão pouco — não leu nada, não sabe nada...

Uma questão grave: como dividir os territórios conquistados, que tarefas e recompensas devem caber a cada um, como organizar esse mundo recém-dominado? Quantas oficinas criar, e por onde espalhá-las, para garantir trabalho às mãos e aos cérebros que o reclamam?

Como manter em ordem e disciplina o formigueiro humano, e como protegê-lo das loucuras do indivíduo mal-intencionado? Como reparar as horas da vida entre atividades, repouso e lazer? Como defender-se da apatia, da saturação, do tédio? Como reunir as pessoas em aglomerações coesas, como facilitar o entendimento entre elas, como e quando dispersá-las e dividi-las? Ora instigar e incentivar, ora frear o impulso, ora inflamar, ora apagar o fogo...

Os políticos e os legisladores experimentam soluções cuidadosamente elaboradas, mas a toda hora acabam se equivocando.

Entre outras coisas, deliberam e decidem sobre o destino das crianças. Mas a ninguém ocorreria perguntar à própria criança o que ela acha, se está de acordo. Afinal, o que ela teria a dizer?

Além do raciocínio e do saber, o que ajuda muito na luta pela sobrevivência e pela influência é a esperteza. O indivíduo astuto, capaz de farejar de longe a pista do sucesso, costuma receber uma recompensa excessivamente generosa. Seus ganhos são mais rápidos e fáceis do que seria legítimo prever; por isso, ele impressiona e desperta inveja. É preciso passar pelos caminhos da malícia para aprender a conhecer os homens; e esses caminhos não passam pelos altares, mas pelos chiqueiros da vida.

E a criança vai caminhando atrás, a passos curtos, sem jeito, com seus livros e cadernos, sua bola, sua boneca. Sente que acima dela, e sem a sua participação, vêm sendo tomadas decisões graves, que determinarão a sua felicidade ou infelicidade, os seus castigos ou recompensas, e esvaziarão a sua capacidade de resistência.

A flor é uma promessa do futuro fruto, o pintinho vai tornar-se galinha poedeira, a novilha um dia dará leite. Por enquanto, exigem cuidados e despesas, e impõem uma preocupação: será que vai vingar? Vai corresponder às expectativas?

A juventude gera inquietação: é preciso esperar muito tempo. Ela poderá, quem sabe, vir a ser o sustento da velhice, cumprir o que dela se espera. Mas a vida tem secas, geadas e chuvas de granizo que inutilizam as colheitas...